

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Gabriel Vieira Portella

**Arte/Educação na perspectiva da identidade negra: reflexões sobre educação
antirracista**

Sorocaba

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Gabriel Vieira Portella

Arte/Educação na perspectiva da identidade negra: reflexões sobre educação antirracista

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientação: Prof^a. Dr^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Sorocaba

2023

Gabriel Vieira, Portella

**Arte/Educação na perspectiva da identidade negra:
reflexões sobre educação antirracista / Portella Gabriel
Vieira -- 2023.
52f.**

**TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba**

**Orientador (a): Lucia Maria Salgado dos Santos
Lombardi**

**Banca Examinadora: Rafael Romeiro Doin, Roberta Jorge
Luz
Bibliografia**

**1. Arte/Educação. 2. Identidade negra. 3. Educação
antirracista. I. Gabriel Vieira, Portella. II. Título.**

**Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)**

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

**Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979**



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB
Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780
Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 22/2023/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso
Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

GABRIEL VIEIRA PORTELLA

ARTE/EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA IDENTIDADE NEGRA: REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Sorocaba, 24 de agosto de 2023

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof. ^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Dr. ^a
Membro da Banca 1	Prof. ^o Rafael Romeiro Doin, M.e
Membro da Banca 2	Prof. ^a Roberta Jorge Luz, M. ^a



Documento assinado eletronicamente por **Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Professor(a)**, em 24/08/2023, às 17:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **1154354** e o código CRC **1D003C9D**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.028576/2023-74

SEI nº 1154354

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

DocuSigned by:

26B900F2F2C43F...
Prof.^o Rafael Romeiro Doin, M.e

DocuSigned by:

EAB4A3049E2C44C...
Prof.^a Roberta Jorge Luz, M.^a

Dedico este trabalho às mulheres que estiveram presentes em minha vida e que sempre me inspiraram, em especial: minha mãe Ivete e a professora dos meus anos iniciais Angélica.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer a todos que participaram direta ou indiretamente desta minha jornada de formação. Desde aqueles que demonstraram apoio ao fato de eu entrar em uma Universidade em uma etapa diferente da vida, até aqueles que junto a mim percorreram este caminho.

Aos colegas de sala, aqueles que pretendo levar para a vida, entre eles Edilaine Sancigollo, Jacqueline Correa e sua filha Gabriela Correa, que criaram laços que ultrapassaram as fronteiras do *Campus Sorocaba*. As conversas no estacionamento da Universidade que iam até tarde da noite, ou os trabalhos em grupo que eram realizados nos finais de semana, todos estes encontros tiveram um grande papel em minha vida para além da formação teórica.

A minha família, que demonstrou apoio e suporte em várias etapas do processo de formação, desde o dia em que fui fazer a matrícula e precisei que levassem um documento que faltava, até o dia em que precisei da carona do meu pai para ir realizar o ENADE. Reconheço que este apoio é extremamente importante e que muitos não conseguem frequentar uma Universidade pelo fato de a família não ter condições de dar esta assistência.

A minha mãe, guerreira, companheira e minha maior referência, que admiro e espero orgulhar sempre, que desde cedo foi um grande modelo no educar e no cuidado, comigo e com a família. Nada seria possível se não fosse pelo esforço e carinho com que ela me criou.

Ao meu companheiro, amigo e marido Mateus Nascimento, grande influenciador e modelo de profissional da área da educação. Seu olhar argumentador e crítico me ajudou a buscar sempre as bases referenciais e os melhores caminhos para construir uma visão esperançosa do espaço educacional, onde pretendo futuramente atuar.

Aos professores da UFSCar, que com toda sua experiência e bagagem educacional conseguiram criar um ambiente onde me sentia estimulado e cada vez com mais vontade de participar das aulas e encontros. Mesmo no período difícil de pandemia que passamos, mesmo nos encontrando em espaço virtual, a troca de ideias e experiências fazia toda diferença não só no decorrer das disciplinas como também para a vida diária. Durante o

período de pandemia, não parei de trabalhar de forma presencial, uma vez que trabalho na área da saúde e reconheço que este período foi muito difícil, chegando até a desenvolver depressão, pelo fato de estar sobrecarregado, e quando chegava em casa, onde fiquei isolado da minha família e amigos, quando participava dos encontros online, conseguia me sentir parte de um algo maior, que me animava e dava forças para seguir em frente.

Aos profissionais da UFSCar dos diversos segmentos que tornaram possível a realização desse sonho. Aos professores das disciplinas diversas, aos bibliotecários pela paciência e prestatividade, aos auxiliares de limpeza por manterem uma universidade sempre agradável, ao assistente administrativo do curso de pedagogia Celso e aos professores orientadores que me ajudaram nesta caminhada rumo a finalização da graduação.

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”.

Angela Davis

RESUMO

PORTELLA, Gabriel Vieira. *Arte/Educação na perspectiva da identidade negra: reflexões sobre educação antirracista*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023.

O trabalho tem por objetivo discutir sobre a importância da educação antirracista como parte da Arte/Educação enquanto fomentadora de novos paradigmas culturais, perspectiva esta que passa a ser ressaltada no ensino de Arte com o estabelecimento das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornam obrigatório o ensino da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena no currículo escolar com ênfase nas disciplinas de História, Arte e Literatura. A questão-problema principal da pesquisa é: “Qual importância da Arte/Educação na educação antirracista?” Para procurar respondê-la, foram exploradas as memórias de aprendizado no campo da Arte do autor deste estudo, as legislações oficiais e referências bibliográficas que dialogam sobre a temática. Os resultados apontam para a urgência de se combater o racismo nas práticas pedagógicas, quase sempre engessadas em um formato que silencia a identidade negra, muitas vezes estigmatizada. Alguns fatores são importantes para o avanço nesta questão, sendo a formação artística docente um deles. Esta ótica acredita ser necessário fomentar o ensino de artes africana, afro-brasileira e indígena na Educação Básica e na formação inicial, de modo a valorizar a identidade negra em nossa sociedade, combatendo o racismo estrutural.

Palavras-chave: Arte/Educação; Arte afro-brasileira; Identidade negra; Educação antirracista.

ABSTRACT

PORTELLA, Gabriel Vieira. *Art/Education from the perspective of black identity: reflections on anti-racist education*. 2023. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2023.

The purpose of this work is to discuss the importance of anti-racist education as a part of Art/Education, serving as a catalyst for new cultural paradigms. This perspective is highlighted in the teaching of Art through the enactment of laws 10.639/2003 and 11.645/2008, which make it mandatory to include African and Afro-Brazilian history and culture in the school curriculum, with an emphasis on History, Art, and Literature subjects. The main research question is: "What is the significance of Art/Education in anti-racist education?" To address this question, the author of this study explored personal learning experiences in the field of Art, official legislations, and relevant bibliographical references on the topic. The results point to the urgency of combating racism in pedagogical practices, which often remain rigid and suppress black identity, leading to stigmatization. Several factors contribute to progress in this matter, with one of them being teacher artistic training. This perspective believes it is essential to promote the teaching of African and Afro-Brazilian arts in Basic Education and initial teacher training, in order to value black identity within our society and counter structural racism.

Keywords: Art/Education; Afro-Brazilian Art; Black Identity; Anti-Racist Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIEPE Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão

BNCC Base Nacional Comum Curricular

COVID SARS Coronavirus Disease 2019 Síndrome Respiratória Aguda Grave

EAD Educação a Distância

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

INCRA Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LDB Lei de diretrizes e bases da educação nacional

LGBTQIA+ Lésbicas Gays Bissexuais Transexuais Queer Intersexo Assexual e outros grupos e variações de sexualidade e gêneros

MIS Museu da Imagem e do Som

OCNs Orientações Curriculares para o Ensino Médio

PCNs Parâmetros Curriculares Nacionais

SESC Serviço Social do Comércio

UFSCar Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. CAPÍTULO I. PERCURSO METODOLÓGICO.....	17
3. CAPÍTULO II. MEMORIAL.....	23
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	39
4.1 IDENTIDADE NEGRA	39
4.2 ENSINO DE ARTE EDUCAÇÃO AMPARADOS PELA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA.....	41
4.3 LEGISLAÇÕES E POSSIBILIDADES DO ENSINO DAS ARTE AFRO, AFRO- BRASILEIRA E INDÍGENA	44
4.4 PRÁTICA PEDAGÓGICA E CULTURAS NEGRAS	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
6. REFERÊNCIAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

A problematização central dessa pesquisa encontra-se no campo das violências sofridas principalmente por crianças e adolescentes que são discriminadas na sociedade e excluídas de suas culturas, nos espaços educacionais da Educação Infantil e Fundamental. Se propõe à reflexão sobre a presença do racismo em nossa sociedade, de como as violências acabam refletindo na violação dos direitos das crianças e dos adolescentes garantidos pela Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 1988) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990) e, no campo educacional, sobre a garantia do acesso à cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena que ocorre mais especificamente por ordenação de legislações específicas, quais sejam, a Lei 10.639, de 19 de janeiro de 2003 e a Lei 11.645 de 10 de março de 2008.

A pesquisa infere a importância da abordagem sobre a diversidade étnico-racial brasileira, na perspectiva de atribuir valores positivos da pluralidade, visto que na realidade o que ocorre é a desigualdade racial, ou seja, o privilégio branco, que gera a exclusão das culturas indígenas e negras do currículo no processo educativo e social. A desigualdade precisa ser combatida de modo a proporcionar a visibilidade da diversidade brasileira, principalmente nos espaços educacionais.

A defasagem de ações nos espaços da Educação das culturas indígena, quilombola, africana, oriental, corrobora para o fortalecimento do estereótipo cristão e europeu, seja através dos filmes, livros ou brincadeiras. Além disso, existem abordagens de gênero que limitam a criança ao azul/rosa, feminino/masculino como construto social de gêneros, na perspectiva heterossexual¹, o que corrobora para futuros preconceitos com os gêneros subversivos, urgindo a discussão sobre a interseccionalidade que é pensada como uma categoria teórica que focaliza múltiplos sistemas de opressão, em particular, articulando raça, gênero e classe.

O conceito de interseccionalidade utilizado no trabalho contempla os estudos de Djamilia Ribeiro e Carla Akotirene, trazendo a raiz política, o fundamento e os contrapontos ao conceito de interseccionalidade. Segundo Akotirene:

¹ O conceito de heteronormatividade presente no trabalho consiste nos estudos de Butler (2018) que rejeita a concepção que o sexo ou o gênero seja rígido e permanente, pois a estudiosa ressalta que a heterossexualidade tem como pressuposto a manutenção da ordem dominante onde homens e mulheres se conformam na aceitação forçada e naturalizando a heterossexualidade, excluindo as identidades de gêneros que não se conjugam nessa padronização.

Tal conceito é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros. Surge da crítica feminista negra às leis antidiscriminação subscrita às vítimas do racismo patriarcal. Como conceito da teoria crítica de raça, foi cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, mas, após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, em Durban, na África do Sul, em 2001, conquistou popularidade acadêmica, passando do significado originalmente proposto aos perigos do esvaziamento. A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro (Akotirene, 2018, p.13)

O estudo aponta para a urgência em mudar o paradigma cultural atual que compõe os currículos e reflete nas práticas pedagógicas da educação básica, impedindo diálogos pluriculturais. Ao contrário disto, posiciona-se a favor da inserção da diversidade nos currículos, visto que ela ocupa de fato a realidade do espaço brasileiro. É possível inferir ainda que sejam cobradas políticas públicas efetivas como também a necessidade de formação docente através de formações antirracistas para que os(as) profissionais possam atuar com qualidade de conhecimento e de um agir pedagógico que além de combater o racismo fomente processos geradores de valorização, autoestima e pertencimento étnico-racial.

O objetivo do trabalho é discutir sobre a importância da educação antirracista como parte da Arte/Educação enquanto fomentadora de novos paradigmas culturais, perspectiva esta que passa a ser ressaltada no ensino de Arte com o estabelecimento das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornam obrigatório o ensino da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena no currículo escolar com ênfase nas disciplinas de História, Arte e Literatura. A questão-problema principal da pesquisa é: “Qual importância da Arte/Educação na educação antirracista?” Para procurar respondê-la, foi feito um exercício de escritura de memórias que ressaltou a jornada escolar do autor em seus aprendizados na disciplina de Arte, bem como foram exploradas as legislações oficiais e as referências bibliográficas, que dialogam sobre a temática. Isto tudo, feito na

intencionalidade de descentralizar o modelo eurocêntrico, tão presente na educação básica brasileira.

O termo “Eurocentrismo” utilizado ao longo do trabalho parte dos estudos de Quijano (2005):

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo (Quijano, 2005, p.126).

Para Quijano (2005), o Eurocentrismo tem como base histórica a perspectiva de conhecimento europeu que perpassou ao longo dos séculos decorrentes da dominação da Europa burguesa, bem como às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América. Dessa forma a intencionalidade do eurocentrismo infere uma específica racionalidade que se torna mundialmente hegemônica, colonizando e sobrepondo-se as demais culturas existentes, como também aos seus saberes concretos.

Vale mencionar que optamos pela utilização do termo “Arte/Educação” com barra, por influência do pensamento da pesquisadora Dr^a. Ana Mae Barbosa, que aponta para a “ideia de permeabilidade entre Arte e Educação e para indicar mútuo pertencimento”² possibilitada visualmente pelo uso da barra e não do hífen. No livro “Arte/Educação: leitura no subsolo”, no trecho “Aos leitores da 9^a edição”, Barbosa (2013) relata que muita coisa mudou desde a organização inicial deste livro (que se deu em 1997). A autora afirma que o termo Arte/Educação se diversificou desde os anos 1950, sendo que nos anos 1970 começou a escrevê-lo com hífen e, em meados dos anos 1990, conversando com a linguista Lucia Pimentel, substituiu-o pela barra, por acreditar que ela produza maior relação dialética e de pertencimento entre as duas áreas.

A pesquisa justifica-se pelo aumento do racismo e da xenofobia presentes no cenário contemporâneo e da necessidade de aprofundamento na Educação Antirracista.³ O estudo pretendeu favorecer a discussão sobre um problema que vem desde a colonização do país perpassando para os dias atuais, ressaltando que urge as epistemologias dos povos negro e indígena ter lugar nos currículos, evitando assim o

² Informação pessoal. Frase da Dr^a. Ana Mae Barbosa em 14/dezembro/2022 por email para a Dr^a. Lucia Lombardi, orientadora deste trabalho.

³ Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública divulgados em 20/07/2022 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), os registros de racismo e homofobia (ou transfobia) cresceram mais de 50% no Brasil em 2022 na comparação com o ano anterior.

apagamento de sua história de luta e resistência, bem como todo o processo cultural e sincretismos que ocorreram no decorrer do tempo.

Para o desenvolvimento desse trabalho foi realizado um levantamento bibliográfico e análises realizadas em duas etapas. A primeira etapa teórica foi relacionada à investigação das leis e documentos oficiais que norteiam o ensino da cultura africana e indígena. A etapa do levantamento bibliográfico buscou por pesquisados(as) autores(as) contemporâneos(as) que dialogam sobre a educação antirracista, sobretudo considerando a contribuição das artes para a construção de pedagogias antirracistas.

2. CAPÍTULO I. PERCURSO METODOLÓGICO

Optamos por estipular o primeiro Capítulo como o que apresenta as explicações sobre a metodologia usada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a fim de permitir que possíveis leitores(as) possam entender como aconteceu meu processo de estudo que, apesar de poder parecer inusitado, foi conduzido de maneira rigorosa.

A metodologia construída teve início e se manteve relacionada às minhas memórias de aprendizados como estudante, com foco no ensino de Arte, bem como é relacionada ao levantamento da fundamentação teórica do trabalho. A explanação da metodologia aqui posicionada procura destacar como o memorial contribuiu com o entendimento da minha inquietação de pesquisa, a definição do objeto de estudo e a elaboração da pergunta-problema.

Para desenvolvimento da metodologia foram respeitadas algumas fases, sendo a primeira o exercício de escritura de um memorial. Parti do pressuposto de que revisitar de modo reflexivo o caminho percorrido ao longo da minha formação pessoal baseada nas vivências do Ensino Fundamental quando criança e durante o percurso na UFSCar, me auxiliaria a buscar pelo entendimento sobre como acontecem os processos educativos de combate ao racismo por meio do aprendizado das artes africana, afro-brasileira e indígena.

Pensar o objeto da pesquisa na relação comigo mesmo e com o outro aproximou o método das abordagens autobiográficas, que reconhecem que o fazer docente é carregado de subjetividade e que tentar entender a caminhada percorrida, possibilita ressignificá-la e repensar-se como professor.

A metodologia desta pesquisa é qualitativa, de caráter bibliográfico, somado à narrativa/autobiografia como forma de produção de conhecimento do próprio pesquisador sobre os aprendizados e as lacunas de formação relacionadas ao tema do TCC.

A pesquisa biográfica permite identificar na leitura disponível as contribuições científicas sobre um tema específico, e consiste em localizar nas diversas fontes existente o que já foi pesquisado sobre a temática confrontando assim os resultados encontrados. É um tipo de pesquisa que busca a visão geral de um assunto sem detalhamento de casos isolados, importante comparar a ideia de alguns autores procurando similaridade e divergências resultando numa conclusão da pesquisa com base no que já foi pesquisado anteriormente (Malheiros, 2011).

Os procedimentos para realização da pesquisa biográfica são: identificar o problema da pesquisa norteador da abordagem a ser utilizada, levantar a literatura disponível, fazer a leitura crítica dos materiais e elaborar fichamento visando suas conclusões próprias e sistematizando as principais ideias (Malheiros, 2011).

A estrutura do relatório final deve levar em consideração como as obras se falam, convergem e divergem, tirando assim suas próprias conclusões, ressaltando que nesse tipo de pesquisa leva em consideram as fontes pesquisadas, se primárias (originais), secundárias (citam e revisam as originais) e terciárias (base de dados que categorizam as primárias e secundárias), considerando assim o peso teórico do trabalho em relação a confiança do meio utilizado, convertidos nas fichas bibliográficas presentes no trabalho que objetivam a qualidade da pesquisa e da fonte (Malheiros, 2011).

O caráter autobiográfico da pesquisa parte do pressuposto da polarização do debate sobre a formação do professor reflexivo, investigador e transformador de sua própria prática pedagógica em oposição ao tecnicismo, que transmitem conhecimento sem a prática reflexiva, logo, a autobiografia consiste numa concepção que privilegia a trajetória profissional e das histórias de vida do professor como uma referência ao modo de pensar a formação docente (Nóvoa,1992; Bueno, 2002).

As histórias de vida têm um papel importante nas pesquisas visto que buscam produzir um outro tipo de conhecimento sobre os professores e suas práticas, portanto essa abordagem contempla as questões de natureza conceitual e metodológica. As abordagens autobiográficas consistem na retrospectiva histórica do professor, insatisfação das ciências sociais com relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de se renovar os modos de se produzirem esses saberes, de modo que os professores se apropriem das suas próprias experiências de vida refletindo sobre ela e assumam ativamente suas formações (Nóvoa,1992; Bueno, 2002).

A estruturação que Nóvoa utiliza para abordar a autobiografia fazem parte do livro Vidas de Professores que possuem oito artigos sobre a temática, para a realização desse trabalho a metodologia aplicada aproximou-se do quarto e quinto artigo desse livro. O quarto artigo, de Mary Louise Holly, tem como premissa a escrita de diários biográficos como instrumento de investigação da prática educativa, logo, o modo de pensar, sentir e atuar dos professores sofre influência subjetiva dos diferentes contextos biológicos e experienciais como também pelos contextos sociais pertencentes a esse indivíduo, uma vez que sofrem influência de onde crescem, aprendem e ensinam (Nóvoa,1992; Bueno, 2002).

Na perspectiva de Maria da Conceição Moita, autora do quinto artigo integrante do livro de Nóvoa, a autobiografia assume a importante tarefa de analisar as histórias de vida na busca do entendimento de quais são as ligações encontradas na formação pessoal e profissional. A abordagem autobiográfica evidencia como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, valores e energias, identidades e contextos em quatro eixos: percurso de vida, representação do que foi formador, processos de formação e interações entre os espaços profissionais e outros espaços da vida. Essa abordagem tem a importante função de estabelecer relação entre a profissionalização, a construção da identidade (espaços de lutas e conflitos) e a história de vida, produzindo sua maneira de ser professor (Nóvoa, 1992; Bueno, 2002).

Nossas ideias em termos de metodologia nos levaram a compreender o memorial – que constituiu o Capítulo II – como sendo um método, pois aqui ele foi encarado como um meio de questionamento crítico sobre como a Arte/Educação pode oferecer uma maneira única de explorar questões raciais. Foi por meio da reflexão sobre os meus próprios processos escolares com as artes as quais tive acesso – e às que não tive – que a inquietação de pesquisa tomou forma de tema/objeto.

Enquanto estudantes da disciplina obrigatória do curso de Pedagogia, “Metodologia do Ensino de Arte”, fomos indagados pela docente sobre experiências encantadoras e decepcionantes em relação ao ensino de Arte na educação básica e, ao escrever sobre isso, percebi que a questão da diversidade me interessava desde muito cedo. Na ocasião, respondi que:

Meu maior encantamento com o ensino de Arte ao longo da vida escolar aconteceu durante o período do 5º ao 8º ano do Ensino Fundamental, quando as linguagens artísticas eram exploradas em forma de danças, teatros, músicas, apresentações variadas, diferente do que acontecia nos Anos Iniciais, quando a arte parecia se limitar ao caderno de desenho e suas margens rígidas. No Ensino Fundamental II a participação era coletiva, havia uma troca de energia diferente entre pessoas diferentes. Eram realizados ensaios nos quais podíamos interagir com alunos de outras salas, com todo mundo, enfim, sinto falta daquele período. (Portella, 22/setembro/2020. Trecho da Avaliação Diagnóstica da disciplina Metodologia do Ensino de Arte).

Por meio das artes, estudantes podem ler e analisar obras de arte e produzir suas próprias criações que abordem questões de racismo, discriminação e injustiça, incentivando o pensamento crítico e a consciência social.

Sendo que o tema deste estudo tem relação com as identidades de estudantes pertencentes a grupos minoritários ou racialmente marginalizados, ao começar a escrever

meu memorial e refletir sobre minha jornada com as artes, percebi que a Arte/Educação pode ser uma fonte poderosa de fortalecimento da autoestima e da identidade cultural. Percebi o quanto ver suas próprias histórias e experiências refletidas nas expressões artísticas, pode ser uma forma de auxiliar estudantes a desenvolverem um senso mais positivo de si e de sua cultura.

A Arte/Educação pode criar espaços para a colaboração e o diálogo intercultural, quando se propõe o trabalho com projetos artísticos com colegas de diferentes origens raciais, mediando a construção de relações respeitadas que valorizem a diversidade.

O memorial passou a ser considerado um método a partir do momento em que compreendemos, conforme explica Almeida (2019), que o exercício de projetar nossas narrativas pessoais para a transformação social, isto é, ser homossexual, negro, mulher, LGBTQIA+⁴, trabalhador, imigrante, etc, deixa de ser narrativa fragmentada, relato isolado de experiência pessoal, quando ele tem um horizonte de transformação.

Após o empenho na escritura das memórias, parti para o levantamento bibliográfico buscando textos pertinentes à temática.

Foram acessadas três bases de dados, sendo elas: o Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp (<http://www.sbu.unicamp.br/sbu/repositorio-institucional-da-unicamp-2/>), o Repositório da Scielo (<https://www.scielo.br/>) e o Repositório Institucional da Ufscar (<https://repositorio.ufscar.br/>).

Os textos encontrados nesta etapa constituíram o quadro teórico do TCC, além de ter também sustento em outros(as) autores(as) que tratam sobre a temática que foram lidos a partir de outras indicações, como por exemplo Nilma Lino Gomes e Aparecida Jesus Ferreira.

⁴ A sigla "LGBTQIA+" representa um conjunto de identidades relacionadas à diversidade sexual e de gênero. Cada letra na sigla corresponde a uma categoria específica de identidade ou orientação sexual, e o símbolo "+" é frequentemente adicionado para incluir outras identidades que não estão representadas pelas letras iniciais. Vale ressaltar que a linguagem e a compreensão das identidades LGBTQIA+ estão em constante evolução, e a sigla pode ser expandida para incluir mais letras ou termos à medida que novas identidades são reconhecidas e respeitadas.

Tabela 1. Levantamento no Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp

Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Arte Educação	664	1	SILVA, A. C. de M. da .; SILVA, B. A. da . Educação, artes e os saberes ancestrais no combate ao racismo: afetos, memórias e resistências. Filosofia e Educação , [S. l.], v. 13, n. 1, p. 1938–1963, 2021. DOI: 10.20396/rfe.v13i1.8664181. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8664181 . Acesso em: 28 nov 22
arte educação AND afro-brasileira	14		COSTA, Ana Carolina B.; WUNDER, Alik. Encontros com-fabulatórios: criações imagéticas em ventos indígenas e afro-brasileiros. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 22, n. 4, p. 990–1009, 2020. DOI: 10.20396/etd.v22i4.8655544. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8655544 . Acesso em: 7 ago. 2023.

Tabela 2. Levantamento no Repositório da Scielo

Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Identidade Negra	6	1	SILVA, C. M.; SANTIAGO, M. E.. Itinerário da prática pedagógica de valorização da população negra no espaço escolar. <i>Revista Brasileira de Educação</i> , v. 24, p. e240003, 2019. Disponível em:

			https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Fc5RwKDxLmRYCTKtxhLcpxd/?lang=pt# . Acesso em : 12/02/2023
--	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 3. Levantamento no Repositório Institucional da Ufscar

Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Arte AND educação	1268	1	BIESDORF, Rosane Kloh. A arte nos contextos histórico-filosófico e do ensino no Brasil: uma abordagem a partir de aspectos teóricos e das distintas visões da comunidade escolar. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2641 . Acesso em: 02/12/2022.

3. CAPÍTULO II. MEMORIAL

Ao refletir sobre minha jornada educacional a partir da década de 1990 e comparando com a atualidade de Pedagogo é impossível não emocionar-me em perceber a riqueza dessa área tão desvalorizada pela sociedade, dessa forma esse memorial buscar resgatar as principais contribuições da temática supracitada que fomentou o estudo desse trabalho com observações nos estágios supervisionados, refletindo em alguns momentos com a minha trajetória acadêmica e a importância da formação acadêmica nessa perspectiva.

Sou o Gabriel Vieira Portella, atualmente tenho 36 anos, natural de Votorantim/SP até o momento, sempre estudei em escolas públicas e me graduei em Bacharel em Farmácia através do programa de bolsas ProUni. Curiosamente sempre tive interesse pela Pedagogia, alguns familiares se formaram e ingressaram como professores e nos encontros familiares me surpreendia quando conversávamos sobre essa área e acabei adiando esse plano.

Quando cursei o Ensino Fundamental em 1994, na época denominava-se Primeira Série, tive uma professora incrível chamada Angélica, que me acompanhou até a Terceira Série em 1996, Angélica tinha muita didática no processo de ensino-aprendizagem, mesmo numa metodologia tradicional da época era possível identificar pela formação que possuo hoje uma excelente formação pedagógica e um cuidado todo voltado para o desenvolvimento do aluno.

Importante nesse momento considerar que nessa formação não tive uma abordagem progressista, e sim tradicional, fato que ao ingressar na UFSCar *Campus* Sorocaba e interagir com mais discentes e docentes, refleti muito sobre essa fase, descobrindo muitas lacunas não preenchidas e voltadas apenas para uma educação num formato engessado.

Me recordo dos trabalhos artísticos desse período que eram atividades tradicionais, principalmente reprodução de quadros de artistas famosos, as vezes realizávamos artesanatos, que eram minhas preferências, dentre elas possuo o registro de uma caixinha feita de palitos de sorvete que foi um trabalho da disciplina de artes, no ensino fundamental. Não tenho muitos registros de desenhos pois, tinha preferência pelas atividades artesanais. Também colecionava recortes de tirinhas de jornal, as quais eu guardo da época que eu não tinha acesso a internet, salvar estas ilustrações era um hobby na minha adolescência.



FIGURA 1. Memórias: caixinha de sorvete e tirinhas de quadrinhos. Fonte: arquivo pessoal do autor.

Ao recordar sobre essa fase encontrei uma foto que retrata uma festa com decorações onde visivelmente se veem apenas decorações estruturadas e com personagens brancos, de cabelos loiros, reforçando o estereótipo daquele momento.



FIGURA 2. Crianças loiras: reflexos da cultura eurocêntrica na decoração de evento, Pré escola da periferia (EMEI Rosa Pereira, Vila Nova – Votorantim/SP). Foto: acervo pessoal do autor.

Partindo da reflexão de todos esses pressupostos decidi então realizar o ENEM em 2016 e a partir da aprovação dessa avaliação consegui ingressar na UFSCar *Campus* de Sorocaba no curso de Licenciatura em Pedagogia, onde realizei diversas disciplinas eletivas, ACIEPEs e estágios obrigatórios. Nesse momento entrei em um estado de

conflito interior, sou uma pessoa muito tímida que tem muita dificuldade de expor, parte desse comportamento desenvolvi especialmente na escola, desde criança sendo apontado como delicado, feminino. As relações de gêneros nos anos em que cursei o ensino fundamental não tinham destaque nos debates da escola e fui cada dia mais forçado a me isolar e evitar assim situações conflitantes.

Conforme os estudos na UFSCar avançavam algo dentro de mim estava inquieto, realizava estágios e visualizava o mesmo tratamento, mas de forma mascarada de preconceitos e exclusões para com as relações de gêneros, antirracistas e indígenas. Sou assumidamente homossexual, casado, e até no estágio presenciei desconforto de algumas professoras em relação a minha presença na sala de aula, e de certa forma, uma tristeza em ver que pouco mudou desde os anos 1990.

Ao cursar uma disciplina obrigatória chamada “Educação, Corpo e Movimento” no primeiro semestre de 2019, ministrada pela Prof^ª. Dr^ª. Lucia Lombardi, comecei a refletir sobre a importância da cultura no processo de desconstrução do padrão eurocêntrico. Até aquele momento o tema que eu estava pesquisando para o TCC era sobre as relações de gêneros, fato que mudou drasticamente após uma visita realizada à Comunidade Quilombo do Cafundó em 2019, organizada pela Prof^ª. Lucia.

O Quilombo Cafundó está localizado na região de Sorocaba, sudoeste do estado de São Paulo, município Salto de Pirapora, essa visita contemplou reflexões que fomentaram a temática do meu trabalho de conclusão de curso à educação antirracista, nessa eletiva também ocorreram diversas práticas pedagógicas de valorização, da identidade, memória e cultura negras, o acesso a cultura negra foi muito importante para que eu repensasse a própria Educação em si, partindo do pressuposto da Educação Antirracista como necessária no processo de transformação social e me interessei muito pelo tema.

A visita a Comunidade Quilombo do Cafundó se deu em um momento anterior a pandemia, onde os encontros se davam de uma forma mais próxima, acalorada. Sentir a receptividade e a alegria dos moradores do Quilombo mostrou o quanto aquela vivência significava na construção das relações. Eles falavam sobre a vida no Quilombo e como era a visão dos habitantes da cidade em que estão localizados. Também relataram o quanto o viés político dos prefeitos que foram eleitos durante os anos influenciou para melhor ou pior a situação do Quilombo.

Portanto, o Cafundó também tem sua característica própria no conjunto da formação dos territórios quilombolas no espaço brasileiro, tais

características apresentam-se nos aspectos material e imaterial da sua cultura, na religiosidade, na agricultura ancestral, língua, arquitetura e na arte que refletiram na formação da sociedade Brasil. Assim, é só observamos ao nosso redor que veremos as diversidades religiosa e culinária (Silva, 2016, p.67)

O contexto histórico do Quilombo do Cafundó resiste as tentativas de apropriação de suas terras por latifundiários, como também as ações por agentes do Estado e empreendedores que visam a expropriação de terras dos quilombolas, no Brasil essa prática ocorre(u) de forma violenta contra a população negra e indígena (Silva, 2016). Em 2009, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, reconhece o território étnico do Quilombo Cafundó como área de interesse social, sendo assim, após esse decreto o INCRA iniciou os processos judiciais de desapropriação dos imóveis de modo a permitir que no futuro as famílias quilombolas recebam o título de posse coletiva de domínio definitivo de suas terras (Silva, 2016).

A complexidade da formação social, econômica e política dos territórios submetidos à colonização europeia, nos séculos anteriores ao XIX, ocorreram muitas doações de terra conjuntamente à alforria, tendo sido “beneficiados” várias comunidades desta forma. Estas doações eram concretizadas em testamentos e efetivadas após a morte dos senhores. Para os escravizados, a permanência nas terras possibilitaria a existência e manutenção de costumes tradicionais. Os quilombolas do Cafundó têm como origem esse processo (Silva, 2016, p.69)

Os quilombos foram uma forma de resistência e organização étnica, e não de rebeldia como alguns pesquisadores registraram, esses movimentos tinham como objetivo a não submissão do modelo capitalista racista de exploração psicológica e física contra os negros e seus territórios, tanto no Brasil como em outros países das Américas, através de lutas, conquistas, formação e construção do território (Silva, 2016), mesmo com todo processo de resistência a luta sempre é contínua, como citado:

Os direitos ao território para os negros do Cafundó nunca foram respeitados por estes grupos de fazendeiros que já agiam progressivamente na região de Sorocaba, apesar de o território do Cafundó ser registrado junto aos cartórios e órgãos governamentais criados para esta finalidade. (Silva, 2016, p. 71)

Perceber o quanto aquele lugar significava para todos ali, eles como habitantes daquele lugar e nós, alunos e professores, era algo que transcendia muito daquilo que já tinha lido ou aprendido na escola e na universidade. O que era visto por nós como uma fonte de riqueza cultural, uma experiência extremamente valiosa, por muitas vezes é depreciada por aqueles que estão no poder ou que não valorizam os vários tipos de

culturas. As danças e músicas entoadas pelos quilombolas, e que eram passadas de geração para geração, traziam à tona em forma de alegria, os momentos que seus ancestrais passaram para resistir frente aos embates que tiveram durante os anos.





FIGURAS 3 a 6. Nossa visita ao Quilombo Cafundó, em 9 de Maio de 2019, organizada pela Dr.^a Lucia Lombardi no contexto da disciplina “Educação, Corpo e Movimento” do curso de Licenciatura em Pedagogia. Fonte: acervo de Lucia Lombardi.

Ao analisar todas essas informações, juntamente com o conhecimento adquirido em várias disciplinas, pude perceber que toda essa experiência poderia ganhar todo um novo contexto ao ser passada aos alunos, quando tiver a oportunidade de ser professor. Cada vez mais podemos tentar usar de formas não tradicionais de educação para poder trazer essa riqueza de conteúdo aqueles que estão passando pelo período educacional.

Juntar a arte com a riqueza cultural negra só faz com que a educação consiga atingir um grande potencial. Traz novas experiências aos alunos, faz com que o professor

possa ajudar na formação de cidadãos que valorizem e prestigiem uma educação que deve ser sempre com um viés antirracista.

As memórias que surgem quando tento relembrar minha trajetória com o viés artístico são diversos fragmentos de consumo de culturas decorrentes da faixa etária vivenciada e conforme o ambiente no qual estava inserido que trazem sentimentos variados à tona. Podemos não perceber prontamente o papel dos agentes artísticos em nossa vida, mas ao tentar relembrar minha jornada para esta atividade, foi possível refletir o quanto a cultura consumida influenciava o período vivenciado.

Desde pequeno me interessava por coisas coloridas, era fascinado por pedrinhas coloridas e brilhantes, por brinquedos coloridos e por desenhar. Quando comecei a desenhar na pré escola minha mãe já encontrou um dilema: eu desenhava com as duas mãos. Quando ia fazer o desenho de uma borboleta, utilizava dois pedaços de giz de cera, e um em cada mão, traçava os contornos de asas coloridas. A preocupação da minha mãe foi aquietada pela professora que disse que com o tempo eu iria passar a escrever e desenhar com a mão que melhor me dispusesse, que foi o lado canhoto.

Quando penso em brinquedos da minha infância, lembro de gostar de brincar de bonecas, jogos simbólicos com viés à feminilidade e admiração por personagens femininas que caracterizavam o período da minha infância/ adolescência (cantoras pop star, princesas da Disney, atrizes das novelas famosas, etc.), fato este que me rendeu várias repreensões e castigos por não estar consumindo a cultura estereotipada voltada ao gênero masculino. Nas brincadeiras com bonecas gostava de fazer roupas para elas, chapéus, fazer penteados em seus cabelos, fantasiar situações, ali minha imaginação se engrandecia, e o lúdico me levava a lugares fantásticos.

Como era uma criança “estranha” e tímida, por diversas vezes minha brincadeira era solitária e tinha por companhia a televisão. Lá assistia extinta TV Manchete onde passava desenhos japoneses e seriados de heróis, dos quais eu focava principalmente nos animês com protagonistas femininas que remetiam a princesas, como o animê Sailor Moon. Eu ficava impressionado com os traços dos desenhos, com as histórias cheias de lutas, ação e emoção. Até hoje gosto do estilo mangá e animê, a cultura japonesa que consegue extravasar suas fronteiras através de contos maravilhosos e fantasiosos.

Ao passar muito tempo sozinho ou com a minha mãe, também assistia a filmes e novelas que não eram específicos para a minha idade. Lembro de assistir a novelas como Chica da Silva, e mesmo não entendendo todo o significado de várias coisas, me encantava aquela narrativa cheia de drama e tensão. Vários filmes que assisti, alguns

clássicos como *Mad Max* ou *Top Gun* me enchiam a imaginação de possibilidades, nesse período por influências masculinas estereotipadas do formato de herói que encantava a geração da época, já comecei a ser inserido num espaço masculinizado. Quem nunca desejou ser piloto de avião após assistir *Top Gun*?

Uma das memórias mais precisas da infância foi o primeiro filme que assisti no cinema, *O Rei Leão*, talvez pela grandiosidade que se tinha na época em assistir um filme numa tela enorme, todo suspense em torno das luzes apagadas esperando o brilho aparecer na tela a minha frente e o delicioso cheiro de pipoca doce no saquinho de papel que era vendido na entrada, essa memória desperta muitas sensações (visual, olfativa e afetiva), a narrativa em torno de Simba, o pequeno leãozinho que enfrentaria diversos processos de aprendizagem e superações, como luto na infância, adolescência longe da família e a descoberta de traições até o momento de movimentação e luta para reconquistar a seus direitos que era embalado por uma trilha sonora com sons, percussões e padrões rítmicos complexos que remetiam a África e canções de Elton John, que futuramente se tornaria um ídolo meu, por ser uma representatividade LGBTQIA+.

O primeiro contato que tive com o teatro foi aos dez anos de idade, quando a escola nos levou para assistir uma peça no antigo teatro que fica às margens do rio Sorocaba. A peça se chamava *O planeta lilás*, e falava sobre um personagem que estava cansado de viver em seu mundo lilás e quer conhecer outros lugares. A história era muito cativante e ao final da peça descobríamos que o bichinho morava em uma flor lilás que estava guardada dentro de um livro e os outros lugares que conheceu faziam parte das histórias presentes neste livro. Claro que já tinha visto apresentações na escola e também no circo (que gostava muito de ir com a família) mas este primeiro contato com o teatro realmente foi marcante.

As músicas em casa sempre foram uma questão de forte gosto dos meus pais. Meu pai gostava de ouvir músicas sertanejas que falavam sobre a vida no campo, vida esta que ele mesmo abandonou para vir a cidade. Minha mãe preferia as românticas, tanto nacionais quanto internacionais. Ambos também, por forte influência da igreja, ouviam músicas de padres cantores. Lembro de ter vários discos de vinil em casa, os gêneros musicais eram bastante variados, passando de Padre Zezinho, duplas sertanejas de nomes variados, indo até discos de trilhas sonoras de novelas e discos com músicas para crianças (recordo de um com a capa cheia de palhaços e figuras de circo, que tinha várias músicas especialmente para festas infantis, que fazia muito sucesso na época). Um dos discos era de música country americana, onde havia uma música específica, que na embalagem do

disco estava escrito logo abaixo do título da música MINHA MÚSICA, numa caligrafia inconfundível da minha mãe, e eu achava incrível como uma música poderia significar tanto para alguém a ponto de ser considerada a “SUA” música (a propósito a música era On the Road Again, de Willie Nelson).

Além das questões já apontadas eu era uma criança muito alérgica e como nossa casa estava em construção, por diversas vezes eu passava temporadas na casa de tios para não sofrer ainda mais as consequências de tanta areia, poeira e pó. Meus tios ouviam fitas Cassete, com músicas que passaram a me agradar muito, músicas internacionais que, mesmo não sabendo o significado do que estava sendo dito, parecia ser algo muito belo. Passei a ouvir bandas como Roxette, Aerosmith, Queen. Sinto que me aproximar deste estilo musical influenciou bastante minha adolescência e demais fases, pois sou fã até hoje de músicas internacionais dos anos 80, nesse período também me aproximei muito de minhas primas, onde trocávamos segredos e nos ajudávamos quando era preciso.

Os filmes me influenciaram bastante também, na infância geralmente assistia filmes não muito adequados a idade, alguns até somente fui entender a maior parte dos significados quando já estava adolescente e assistia novamente, mas vários deles marcaram minha vida como Flashdance – com sua trilha sonora clássica, Forest Gump – com seu roteiro impecável, abordando várias fases do estilo de vida americano, A Lista de Schindler – onde retratava os horrores que cercavam este momento de terror da nossa história.

Mas o filme que mais teve impacto em minha imaginação foi um que assisti durante a madrugada (no InterCine da Globo), naquele período bom do início da adolescência onde começamos a ver melhor o sentido das coisas naquilo que vemos e ouvimos. O filme se chama O Jardim Secreto e tem a atriz Maggie Smith no elenco. O filme tem um roteiro muito encantador, com belas paisagens, e nos mostra o despertar de um jardim que relacionei com o despertar para a vida, nesse momento ainda não tinha a dimensão da dificuldade que seria minha adolescência como homossexual numa família patriarcal conservadora.



FIGURA 7. Infância: eu bebê com meu pai e mãe, festa do primeiro ano, no colo da minha tia querida e momentos com os (as) primas. Foto – ensaio composta por cinco fotografias. Fonte: acervo pessoal do autor.

Durante a vida escolar sempre me animava a ideia de dançar, as danças faziam parte de apresentações em festas como a junina e da primavera. Lembro de em uma dança na pré escola onde a música escolhida para a apresentação era uma sobre a boneca Emília e por isso a maior parte da dança era feita pelas meninas da turma, enquanto os meninos passavam a maior parte da dança sentados no chão, nas danças era possível encontrar um momento libertador das minhas ações corporais, justificadas na Arte, podia me movimentar, rebolar, sentir a música e respirar aliviado, amava os ensaios e sempre torcia secretamente para que as apresentações se repetissem e eu pudesse dançar mais. No ensino fundamental e médio as danças traziam cada vez mais movimentos desafiadores, roupas de variados temas, e a interação entre os alunos nestes momentos eram algo mágico, tanto que até hoje em dia nos grupos de whatsapp circulam fotos dos colegas vestidos de “caipirinha” e estes momentos são lembrados por todos com muita afetividade, nesse período, ao contrário da pré escola, o corpo já passava a ter limitações e influências de gêneros, a liberdade da expressão corporal perpassa então para uma esfera imaginária, os rebolados já passavam a ser contidos e a performance masculinizada, evitando futuros conflitos com os demais alunos da escola.



FIGURA 8. Pré escola. Foto-ensaio composto por sete fotografias. Fonte: acervo pessoal do autor.



FIGURA 9. Ensino Fundamental: anos iniciais (E.M “Dr Achilles de Almeida”, Sorocaba/SP). Fonte: acervo pessoal do autor.

Na leitura sempre me identifiquei com histórias de fantasia e suspense. O primeiro livro que li foi O Fantasma da meia Noite, de Sidney Sheldon, livro que emprestei de uma amiga que estava alguns anos adiantada na escola. Os livros sugeridos pelos professores eram aqueles que estavam no currículo das matérias, porém eu sempre preferia aqueles que eu podia escolher mais livremente. A partir daí foi uma paixão maravilhosa pelo mundo da literatura, onde por diversas vezes eu conseguia me transportar para lugares diferentes, seja na Terra Média de O Senhor dos Anéis, seja nos contos das criaturas da noite nas sagas vampirescas de Anne Rice.

Na infância e adolescência tive poucos acessos a exposições renomadas e/ou a museus, limitados as proporcionadas pela escola, geralmente em Sorocaba, no museu que fica no Zoológico Municipal de Sorocaba, um acervo rico historicamente falando, sobre a cultura regional, mas no início da fase adulta, dialogando com amigas da minha primeira graduação, que foi em Bacharel em Farmácia, me encantava as falas dos espaços culturais da capital (SP), sendo assim aos poucos comecei a visitar alguns espaços, mas ainda sobre forte influência eurocêntrica ou da cultura pop do momento.

As visitas a museus sempre me encantam e despertam sentimentos inquietantes. Tive o privilégio de visitar a exposição no MIS do seriado Castelo Rá Tim Bum em 2015, onde haviam inúmeros materiais dessa produção que fez parte da minha infância, ver os croquis das vestimentas usadas pelos atores, a recriação da montagem dos sets, foi algo que trouxe muita nostalgia. Em 2016 visitei a mostra sobre o escritor e cineasta Tim Burton no MIS, e o que achei mais interessante foram os desenhos que ele ia fazendo em guardanapos, que mais tarde se transformariam em personagens e ganhariam vida nas telas de cinema. No início do ano de 2019, visitei o Museu da Cerveja que contemplava o processo histórico da fabricação da cerveja no estado e o Museu de Arte de Blumenau em Santa Catarina que estava expondo o trabalho de vários artistas regionais e nacionais, com destaque para as obras de Nathan Braga (RJ) que abordava a temática vida/morte através da estética orgânica que dialogava sobre o início e fim de ciclos, passando também a falar sobre a morte e seu papel na vida. Também visitei a exposição no CCBB da artista Chiharu Shiota, onde as obras feitas em sua maioria de linha e papel traziam emoções em cada novo olhar.



FIGURA 10. Experiências culturais através das exposições. Fonte: acervo pessoal.

Ao realizar este memorial, também pude perceber o quanto sofri a influência de culturas estrangeiras na minha formação como pessoa, principalmente da cultura eurocêntrica. Gostos musicais, filmes, em sua maioria são produções estrangeiras, que por mais que me encantem, quase sempre não fazem parte da minha realidade diária.

Assim no decorrer da vida adulta e cultivando nossas amizades bem como frequentando novos espaços culturais a inquietação acerca do meu acervo cultural limitante se tornou uma problemática, logo passei a ter mais acesso à cultura nacional, regional e LGBTQIA+, como performances e shows de drags, peças teatrais e exposições que debatiam muitas temáticas como arte afro, indígena e educacionais que davam lugar de fala às culturas subversivas da nossa sociedade, sendo assim pude perceber o valor desses momentos em minha construção crítica, um dos principais momentos ocorreram quando fomos visitar o Quilombo Cafundó em Salto de Pirapora/SP e presenciei a cultura herdada dos antepassados, o respeito à história e ao movimento de resistência que se traduziam na bela apresentação do grupo, com suas danças e suas histórias de lutas e perseverança.

Em Sorocaba/SP tive a oportunidade de visitar o evento Feira do Beco do Inferno⁵, que era realizado na praça do Fórum Velho, símbolo de resistência dos grupos oprimidos, lá aconteciam apresentações de grupos teatrais, músicos, havia uma feira de gastronomia com refeições veganas e uma feira de artesanato muito rica, com roupas, desenhos e obras de artesanato variados, dos artistas locais e das diversas temáticas possíveis, sempre na viés do movimento de resistência contra o movimento conservador da cidade.

O afligimento no decorrer da pesquisa surgiu principalmente de ter conhecimento teórico bem elaborado sobre a temática adquirido através das disciplinas, palestras, visitas e interações entre os sujeitos do processo educativo e me deparar, no momento do estágio com a falta de aplicabilidade das legislações que fundamentam a cultura afro-brasileira e indígena, fato que sugeriu muitas reflexões como o processo de formação docente que precisa de constante atualização ou o próprio racismo estrutural, nessa perspectiva fomentei a pesquisa direcionada para Arte/Educação voltada ao estudo da cultura afro-brasileira e baseado nas legislações pertinentes.

No segundo semestre de 2019, durante a realização do estágio no ensino infantil (Estágio Supervisionado I – Educação Infantil), presenciei as atividades realizadas na Pré-Escola, não haviam representações de culturas diferentes nas atividades, bem como nos brinquedos. No mês de novembro que se comemora a Semana da Consciência Negra a professora da turma leu rapidamente o livro *Menina Bonita do Laço de Fita*, e fez uma atividade simples e rápida de colar papéis coloridos nas tranças de uma representação gráfica definida que sugeria ser a menina da história. Logo em seguida as crianças foram ao parque e a professora fez uma exposição dessas colagens num mural no qual se lia: Dia da Consciência Negra, tentei questionar ao longo do estágio quais eram as ações afirmativas realizadas, mas não obtive informação, a mesma dizia seguir o planejamento. Ao findar o estágio as crianças me presentearam com suas artes, me deram desenhos juntos com abraços e muito carinho.

⁵ Essa Feira Cultural é organizada por artistas desde 2016, que contemplam arte, artesanato, música, teatro, performance, literatura e poesia que acontecia ao mesmo tempo dentro de um beco no centro de Sorocaba, na rua Leite Penteado, que era conhecida como Beco do Inferno, segundo relatos históricos citados por DIAS (2002), esse local recebia barris com fezes e urinas provenientes da cadeia e da câmara municipal ali próxima, esses dejetos eram jogados na rua e exalavam odor fétido bem característico, e uma segunda versão relata que por ali passavam condenados a suplício, os escravos que cumpririam pena no Pelourinho. A feira parte do pressuposto de produtos e obras totalmente artesanais e nada industrializado ou reproduzido em série, a proposta da feira é a cultura, a resistência e os movimentos sociais. Atualmente acontece na Praça Frei Baraúna, no Centro de Sorocaba. Instagram oficial: @afeiradobecodoinferno



FIGURA 11. Presentes das crianças da pré-escola (estágio supervisionado obrigatório no CEI 03 “Zizi de Almeida”, Sorocaba/SP). Fonte: acervo pessoal do autor.

Em 2020 iniciou a pandemia da Covid Sars 19, sendo assim, os estágios (Estágio Supervisionado II – Ensino Fundamental I e II) passaram a ser EAD. Nessa perspectiva, as observações passaram a ser ainda mais limitadas, a professora colocava-me para arrumar, classificar as atividades que a mesma fazia e seriam posteriormente aplicadas para as crianças através do ensino remoto.

Ao observar e comparar as práticas pedagógicas deparei-me com a precariedade das mesmas nos espaços escolares e da reflexão acerca do déficit no desenvolvimento do ensino da história e da cultura afro-brasileira, como se dão esses processos na perspectiva da institucionalização e da relação com a comunidade escolar?

Em setembro de 2022 realizei uma visita a exposição Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros, no SESC Sorocaba e me deparei com uma história muito rica de vivências e saberes. Conhecer as produções da Carolina salientou ainda mais a necessidade de formação dessa temática, tanto para o crescimento pessoal quanto profissional. Quando nos deparamos com uma produção cultural dessa magnitude, tão rica em detalhes, uma vez que além de escritora, Carolina também praticou outras linguagens artísticas como a música e produção de fantasias, podemos perceber o quanto a sociedade pratica racismo estrutural principalmente se tratando da mulher negra

periférica, que é a mais violentada por nossa sociedade. Isso gerou uma inquietude, pois uma artista tão importante e com uma obra tão rica, poderia ser mais abordada na educação, gerando um entendimento de que as produções de artistas negros devem ser mais abordadas e através disso enaltecer as culturas negras e femininas na sociedade brasileira, desde a educação infantil até o ensino superior.



FIGURA 12. Inspiração: Carolina Maria de Jesus (Sesc Sorocaba, 2022) Fonte: acervo pessoal do autor.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Identidade Negra

Sendo o tema da pesquisa a educação antirracista por meio do ensino de Arte, não posso me furtar a abordar assuntos essenciais a este estudo, como o do racismo estrutural e o da identidade negra procurando, conforme chama atenção Silvio Luiz de Almeida (2019) não cair em simplismos que comumente marcam este debate.⁶ Em se tratando do escopo de um TCC, não é possível aqui dar conta da amplitude desta questão. Apesar disto, a fim de darmos conta do cumprimento das leis 10.639/03 e 11.645/08 como obrigação profissional de todo(a) professor(a) em nosso país, precisamos ter pelo menos compreensão básica, na especificidade do nosso momento histórico, sobre o combate ao racismo, a constituição da branquidade enquanto privilégio e a importância da representatividade para pessoas negras.

Almeida (2019) afirma que a identidade é algo objetivo, vinculado à materialidade do mundo e pessoas não brancas são pensadas através da identidade, ainda que nela não pensem. A identidade é fruto de uma história, que existe nas relações sociais concretas. Conforme este autor, identidade não é algo exterior às determinações materiais da vida social, nem afastada de sua dimensão social. Assim ele explica:

sou um advogado e professor de Filosofia do Direito que não tratou da questão racial diretamente em seus trabalhos de mestrado e doutorado. Mas, independentemente de minhas escolhas, sempre esteve além da minha vontade ser reconhecido, medido e avaliado como um homem negro. Percebi que até a decisão de ter ou não uma vida intelectual alheia a reflexões sobre o racismo não poderia ser feita sem um confronto com a minha identidade racial. Se resolvesse não estudar a questão racial, e apenas me dedicar à Filosofia, ao Direito ou à Economia Política eu precisaria passar a vida toda me explicando por tal decisão, uma vez que sou negro. (Almeida, 2019, p. 8)

Para Munanga (2000) raça é uma construção social engendrada nas tensas relações dominantes e de poder entre brancos e negros, europeus e não europeus. De modo similar, Quijano (2005) entende raça como uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Para este autor, a

⁶ Silvio Luiz de Almeida (advogado, filósofo e professor universitário, atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil) no prefácio à edição brasileira do livro “Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje”, de Asad Haider (2019).

elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e, com ela, a elaboração teórica da ideia de raça como naturalização das relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus, significou uma maneira de legitimar ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados.

Segundo Silva e Santiago (2019) é importante dialogar com a afrocentricidade como posição epistemológica na perspectiva de produção de um conhecimento que vise a ruptura com a hegemonia do pensamento eurocêntrico, visto que a afrocentricidade percebe os africanos como sujeitos e agentes que atuam sobre suas culturas e de acordo com seus próprios interesses humanos, por serem construtos do conhecimento participando de séculos de resistência à dominação europeia, impostas à experiência europeia, a afrocentricidade tem como perspectiva a correção desse deslocamento, posicionando assim o africano no centro de sua história.

Pensando na afrocentricidade, faz-se necessário buscarmos ao menos algumas compreensões da identidade negra. Segundo Gomes (2005), refletir sobre a construção da identidade negra é um processo complexo possuindo dimensões pessoais e sociais inseparáveis, que são interligadas e construídas na sociedade. No campo da cultura e da história são definidas as identidades sociais, ou seja, todas as que englobam a sociedade, dentre elas a identidade racial, por exemplo. Essas diversas identidades constituem os sujeitos na medida em que se confrontam em diferenciadas situações, agrupamentos e/ou instituições, logo, o reconhecimento de uma identidade parte do pressuposto de pertencimento a um determinado grupo social de referência, sendo assim nesse processo não existe simplicidade pois a conformação nesses grupos demanda de diversos fatores como tempo, lealdade, dentre outros.

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece.

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2005, p.43)

Para Gomes (2005, p. 43), construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito

é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as), nessa perspectiva a autora nos leva a reflexão sobre a atuação da escola nesse contexto, seja nas relações de ensino-aprendizagem bem como nos processos de formação de professores.

Entender a construção da identidade negra no Brasil perpassa da dimensão subjetiva e simbólica para a esfera política, nesse contexto como uma tomada de consciência de um segmento étnico-racial que é excluído da sociedade e contribuiu economicamente com o trabalho gratuito como escravos e também culturalmente, desde os tempos da história do Brasil (Gomes, 2005, p.43).

Compreender as relações de identidades no cenário em que vivemos corrobora para discussão sobre a negação da existência do racismo nesses espaços, principalmente pela escola, poder público e sociedade, visto que existe um abismo racial entre negros e brancos no Brasil. A desigualdade racial existente em nosso país é fruto da estrutura racista, acrescida da desigualdade socioeconômica e da exclusão social e cultural que atinge o povo negro (Gomes, 2005, p.43).

Nessa linha de reflexão urge abordar a efetivação da cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena nos espaços da educação básica, as músicas, danças, atividades devem proporcionar a transição entre as diversas culturas, possibilitando ao aluno a compreensão das culturas existentes e o respeito, sabemos que existe um racismo estrutural estabelecido na sociedade que deve ser combatido principalmente pelos educadores com apoio das leis existentes, as práticas de isonomia devem ser constantes e obrigatórias.

Faz-se necessário ressaltar que na discussão sobre a identidade do negro brasileiro, o seu processo histórico não pode ser dissociado da identidade, pois o resgate cultural bem como a defesa da igualdade social, econômica e educacional necessitam da construção da memória e do acompanhamento da contextualização histórica desse grupo étnico/racial, fomentando o respeito as diferenças. (Gomes,1995, p.44 citado por Silva e Santiago, 2019, p.8).

4.2 Ensino de Arte Educação amparados pela Legislação Brasileira

Na história da educação brasileira, o ensino regulamentado de Arte passou a ser incluído nos anos 70, com o nome de Educação Artística, através da lei nº 5.692/1971

que estabelecia como obrigatória a inclusão de Educação Artística, portanto a caracterização era de atividade e não de disciplina, logo a mesma era colocada a serviço de outras disciplinas não tendo assim valorização por parte dos professores, que ministravam atividades orientadas para os educandos, as aulas eram restritas (Biesdorf, 2012).

Após o fim da Ditadura Militar, na década de 80, muitos intelectuais retornam ao Brasil trazendo o sincretismo resultante das suas próprias concepções educacionais com as dos países que os abrigaram durante o tempo de exílio, fortalecendo a movimentação dos arte-educadores. Na perspectiva da arte/educação, Biesdorf (2012), destaca a atuação de Ana Mae Barbosa que implantou a Proposta Triangular para o Ensino de Arte, com a proposta de articulação entre os eixos: a apreciação, a contextualização e o fazer artístico, objetivando assim o ensino que possibilita a articulação dos mesmos.

O movimento voltado à efetivação da inserção do ensino de Artes nos currículos escolares ocorreu através das manifestações de arte-educadores e intelectuais reunidos em diversas associações de arte-educadores no Brasil, mas somente em 1996, através da promulgação da lei nº 9.394/96 que o ensino da arte passou a ser obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, voltada à promoção do desenvolvimento cultural dos alunos.

Após a LDB/96 publicam-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) Arte (1997-1998) direcionada para o ensino fundamental e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCNs) que também apresenta um capítulo voltado ao componente curricular de Arte para a modalidade (Biesdorf, 2012). Os PCNs e os OCNs trazem como modalidades artísticas as artes visuais; música; teatro e dança, todavia o processo pedagógico do ensino de Arte não especifica qual modalidade deve ser trabalhada em cada ciclo escolar, logo não se tem uma sequência de conteúdo a serem trabalhados pelos educandos, uma vez que fica a critério do professor e da escola a definição do que será trabalhado em cada modalidade (Biesdorf, 2012).

Partindo do pressuposto de Duchamp (Paz, 2008, p.64 citado por Biesdorf, 2012) de que a finalidade da atividade artística é a liberdade, faz-se necessário refletir sobre o processo educacional brasileiro em relação ao ensino da cultura afro-brasileira, africana e indígenas, como supracitado, a falta de uma definição específica de modalidades artísticas e em qual momento se aplicar, na perspectiva do currículo visto que as interpretações acabam dando brechas para o descaso em relação ao ensino dessas culturas, em detrimento ao eurocêntrico, mesmo apoiados por leis específicas como as leis

10.639/03 e 11.645/08 que tornam obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena na Educação Básica (Fundamental e Médio).

Analisando que estamos numa sociedade que fomenta o consumo da indústria cultural, que, segundo Biesdorf (2012) a indústria cultural produz para cultura para o consumo de massas alienando o indivíduo, com a industrialização em larga escala a partir do final do século XIX e com o surgimento do trabalhador assalariado, a realidade configura uma tendência a coisificação voltados sempre ao consumo em excesso sem exercer a criticidade e a busca pelo conhecimento, portanto cultura e arte tornam-se mercadorias (Biesdorf, 2012).

Como vivemos numa sociedade capitalista e predominantemente eurocêntrica o racismo ganha força no processo artístico e reflete proporcionalmente nos ambientes da sala de aula, como exemplificação num determinado momento do estágio supervisionado que cursava foi possível presenciar o racismo estrutural quando nas interações entre as crianças, as mesmas solicitavam à professora lápis de colorir cor de pele, numa referência ao bege claro, sem intervenção pedagógica que desconstruísse essa prática racista.

O podcast de Tristão (2021) discute sobre o racismo velado, abordando a questão do lápis cor de pele (que historicamente era assim renomeado o lápis cor bege claro pelos fabricantes) remetendo à um padrão comportamental que reforça o preconceito e a exclusão, sendo assim importante a discussão das relações raciais, visto que as crianças brancas são capazes de praticar o preconceito e o racismo já na infância.

A normatização de um único tom de pele, bege claro, como exemplificado acima reforça e sustenta a hierarquia dessa etnia e da sua cultura, reforçando a branquitude e com isso desencadeando toda a estrutura racista de nossa sociedade, essa e outras práticas inseridas no contexto da Arte/Educação fomentam uma educação racista, nessa perspectiva faz-se necessário conhecer os documentos que garantem a construção da pluralidade nos espaços educacionais.

Para adentrar no contexto da arte/educação antirracista faz-se necessário dialogar sobre a questão do embranquecimento social, para tal Ferreira (2010) através de sua pesquisa sobre a formação docente na perspectiva das experiências de professores acerca da temática envolvendo a segregação racial, destaca a questão do embranquecimento relacionado a cor de pele e como a associação ao embranquecimento dessa pele privilegia socialmente o indivíduo, que muitas vezes desconhece suas raízes.

4.3 Legislações e possibilidades do ensino das Arte Afro, Afro-Brasileira e Indígena

Segundo a Lei 10.639, de 19 de janeiro de 2003, é obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos sistemas de ensino sejam públicos ou privados, do ensino fundamental e médio, sendo assim o currículo deve incluir o estudo da História da África e dos Africanos, bem como a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira, bem como o negro na formação da sociedade nacional, na perspectiva de resgatar e validar a contribuição do povo negro na sociedade, economia e na política pertinentes ao processo histórico brasileiro. A lei reforça que os conteúdos estejam inseridos em todo o currículo escolar e destaca, em especial, as áreas de Arte e de Literatura e História do Brasil.

Já a Lei 11.645 de 10 de março de 2008 inclui no currículo a cultura Indígena, além da cultura Afro-Brasileira (Brasil, 2008) nesse processo podemos inferir uma interseccionalidade que remete ao trabalho dos grupos segregados nos espaços educacionais, portanto tal fato remete à área de Arte a importante competência de atuar no cumprimento dessas leis.

Para regulamentar a lei 10.639 de 2003, o Parecer CNE/CP 003/2004, define alguns parâmetros em concordância com movimentos negros de modo a corroborar com a educação antirracista, nessa perspectiva o documento dialoga sobre as Políticas de Reparações, de Reconhecimento e Valorização, de Ações Afirmativas, Educação das relações étnico-raciais, História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e Indígena – Determinações, Consciência Política e Histórica da Diversidade, Fortalecimento de Identidades e de Direitos, Ações Educativas de Combate ao Racismo e a Discriminações, Obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Educação das Relações Étnico-Raciais e os Conselhos de Educação (Brasil, 2004). Este documento especifica desde a obrigatoriedade detalhando ações formativas e curriculares nos espaços acadêmicos, como por exemplo:

valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura (Brasil, 2014, p.10)

O ensino de Cultura Africana abrangerá: - as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais; - as universidades africanas Timbuktu, Gao, Djene que floresciam no século XVI; - as tecnologias de agricultura, de beneficiamento de cultivos, de mineração e de edificações trazidas pelos escravizados, bem como a produção científica, artística (artes plásticas, literatura, música, dança, teatro) política, na atualidade. (Brasil, 2014, p.12)

Divulgação, pelos sistemas de ensino e mantenedoras, com o apoio dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, de uma bibliografia afro-brasileira e de outros materiais como mapas da diáspora, da África, de quilombos brasileiros, fotografias de territórios negros urbanos e rurais, reprodução de obras de arte afro-brasileira e africana a serem distribuídos nas escolas da rede, com vistas à formação de professores e alunos para o combate à discriminação e ao racismo. (Brasil, 2014, P.15)

Outro documento muito importante da Educação Brasileira é a BNCC - Base Nacional Curricular Comum (Brasil, 2018), que traz em seu texto a obrigatoriedade e importância da cultura afro-brasileira, africana e indígena. Dividida por campos de experiências e linguagens, a BNCC define o ensino das Artes nas seguintes linguagens: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro (Brasil, 2018).

Segundo a BNCC, o currículo tem a função de contribuir para a interação crítica dos alunos com uma visão complexa do mundo, bem como perpassar da intolerância para o respeito à diversidade e ao diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, de modo a fomentar o exercício da cidadania. Nessa perspectiva de ação, a Arte tem a importante função de propiciar a troca entre as culturas, propiciando aos alunos a identificação da sociodiversidade de culturas não eurocêtricas, como as indígenas, afro-brasileiras, quilombolas, ciganas e demais povos integrantes dos espaços ocupados e comunidades tradicionais (Brasil, 2018). A BNCC traz ainda algumas recomendações mais específicas que podem ser trabalhadas em interdisciplinaridade com a Arte:

Diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (slams, vídeos de diferentes tipos, playlists comentadas, raps e outros gêneros musicais etc.), minicontos, nanocontos, best-sellers, literaturas juvenis brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil. (Brasil, 2018, p.157)

4.4 Prática Pedagógica e culturas negras

Segundo Silva e Santiago (2019), a prática pedagógica tem como pressuposto a orientação, estruturação e resposta à objetivos e finalidades de cada tempo e do contexto social, uma vez que os processos educativos interligados aos contextos sociais nos quais se desenvolvem. Para que ocorra essa prática pedagógica na escola, o currículo escolar

torna-se mediador desse processo. A prática pedagógica fomenta a ação social coletiva dentro de um fenômeno social mais amplo, ou seja, a educação que se organiza com finalidade e objetivos explícitos que a serem desenvolvidos na instituição.

...cada polo dessa ação coletiva e institucional é conformado por complexidades heterogêneas, diversificadas e singulares de sujeitos sociais que são os docentes, os discentes e os gestores das instituições, que se relacionam por intermédio de suas respectivas práticas. E a inter-relação entre esses sujeitos ocorre para garantir o quarto polo da complexidade, que são os conhecimentos ou conteúdos a serem construídos ou trabalhados nos programas, planos e projetos determinados institucionalmente. (Silva e Santiago, 2019, p.5)

Partindo do pressuposto supracitado é pertinente afirmar que não é qualquer prática desenvolvida nos espaços escolares que possuem a dimensão de uma prática pedagógica, a escola segundo Libâneo (2004) citado por Silva e Santiago (2019, p.6), é uma organização marcada pelas interações sociais entre as pessoas, é uma unidade social que reúne pessoas interagindo entre si que operam por meio de processos e estruturas próprias, com a finalidade de alcançar os objetivos da instituição. Tais relações dessa cultura organizacional influenciam significativamente as mudanças e permanências que coexistem no cotidiano escolar, na perspectiva da efetivação do ensino de história e cultura afro-brasileira.

O currículo tem importante papel de mediador no processo de materialização da ação pedagógica perpassando para a importância da cultura escolar, uma vez que devem ser considerados nesses processos educativos de valorização, da identidade e culturas negras a associação da comunidade escolar num tudo (Silva e Santiago, 2019).

A prática pedagógica acontece no cotidiano das relações que são desenvolvidas em uma instituição educativa e estrutura-se no desenvolvimento das ações rotineiras dos sujeitos. É uma realização intencionalmente organizada para alcançar objetivos específicos; dinâmica, manifesta-se como gesto, atitude e comportamento reflexivo e criativo. Embora a prática aconteça pela ação do educador, ela não é uma prática do educador, mas da instituição educativa, que se configura como uma prática coletiva (Silva e Santiago, 2019, p.6).

Partindo desse pressuposto, analisando as práticas pedagógicas de valorização da identidade, memória e da cultura negra, inferimos que as praxes que dominam a escola estão fundamentadas no racismo e corroboram para a manutenção da discriminação e do preconceito étnico-racial, os currículos estruturam-se no padrão eurocêntrico ignorando a existência de pessoas que fogem a esse padrão, a história da população negra

estereotipada pela perspectiva da escravidão e não da resistência à escravidão, quando abordado nos espaços escolares e refletidos diretamente no ensino de Arte (Silva e Santiago, 2019).

O estudo do Movimento Negro, a formação em história e cultura afro-brasileira como elemento fundante da prática são fatores que corroboram para a construção de práticas pedagógicas antirracistas, que valorizam a identidade, memória e cultura negras, tal condição necessita de processos formativos que proporcione o acesso ao conhecimento negado e invisibilizado ao longo da história, todavia a formação necessita ser crítica e sólida, como citado por Silva e Santiago (2019, p.14) sendo capaz de convencer os profissionais da educação sobre as implicações do racismo e da negação da população negra no fracasso ou sucesso dos processos de ensino e de aprendizagem vivenciados pelas(os) estudantes negras(os).

Para Silva e Santiago (2019), faz-se necessário que os processos formativos transcendam a dimensão teórica escrita, perpassando do currículo escolar para outras formas de aprendizagens e ensinamentos da cultura afro-brasileira, africana e indígena, logo o planejamento da ação pedagógica é fundamental.

Além disso, o trabalho coletivo e colaborativo, entre os agentes escolares faz toda a diferença no planejamento pedagógico, uma vez que participam os professores, a gestão e a comunidade escolar, orientando assim a organização das práticas de forma geral. Essa pode ser uma maneira de superar a falta de acesso a materiais específicos sobre este tema no decorrer da formação inicial dos docentes, levando a uma formação continuada colaborativa.

Costa e Wunder (2020) A partir das demandas da lei nº 10.639/03, alterada pela lei 11.645/08, este texto articula experiências de encontros entre educação (básica e superior), artes e culturas indígenas e afro-brasileiras, proliferando pensamentos sobre as relações étnico-raciais na convivência escolar e universitária, sobre as dobras epistemológicas e estéticas que esses encontros possibilitam. Essas experiências ocorreram em oficinas realizadas em uma escola de educação do interior de São Paulo e em encontros de criação imagética com estudantes do Ensino Superior da Universidade Estadual de Campinas (SP). Parte-se do conceito de coisa do antropólogo Tim Ingold (2012), e se aposta na criação imagética e na potência do encontro com imagens artísticas que reverberam as culturas indígenas e afro-brasileiras para mobilização de pensamentos sobre educação e relações étnico-raciais. Interessa-nos desdobrar a legislação que baliza as questões étnica e raciais na educação e fabular com essas imagens de artes-

áfricas, artes-indígenas, seguindo com elas em fluxos criativos, para deixar-nos afetar, pensar, cantar, perambular e rir nos currículos-cotidianos da educação básica e superior.

Costa e Wunder (2020) verificaram que experiências educação visual permeados por imagens com identidades afro-brasileiras produzem também pensamentos e saberes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a identidade negra é uma necessidade que urge para o enfrentamento das práticas racistas presentes em nossa sociedade, dentre elas, as que se inserem nos espaços da Educação bem como o estudo dos Movimentos Negros, da identidade, memória e culturas negras, pois o eurocentrismo presente em nossa sociedade reforça o apagamento dessas culturas e o processo de racismo estrutural que atua em todos os espaços de nossa sociedade.

Para tanto, é possível analisar os processos pedagógicos e fomentar um currículo que contemplem essas temáticas atualizadas e inseridas dentro de um contexto histórico, atual e dialético, possibilitando a desconstrução da hegemonia europeia que transita nas práticas pedagógicas, principalmente no que refere ao estudo da Arte, pois desde o processo inicial de inclusão na educação básica, o ensino fica limitado ao currículo da escola, muitas vezes sem uma proposta e ação pedagógica pautada na cultura negras, na perspectiva da interação entre as modalidades que integram o ensino da Arte, sendo elas a dança, artes visuais, teatro e música, para tal a formação docente de qualidade é muito significativa no processo de desconstrução do eurocentrismo presente nesses espaços.

Utilizar como exemplo o diálogo sobre racismo do Podcast: a cor do lápis cor de pele (2021), permite visualizar que as práticas racistas estão sim inseridas nos processos pedagógicos e muitas vezes no campo de Artes, o que torna ainda mais preocupante refletir sobre Arte/Educação que fomenta a exclusão.

Retomando o objetivo do trabalho que é discutir sobre a importância da educação antirracista como parte da Arte/Educação enquanto fomentadora de novos paradigmas culturais, perspectiva esta que passa a ser ressaltada no ensino de Arte com o estabelecimento das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornam obrigatório o ensino da História e cultura africana, afro-brasileira e indígena no currículo escolar com ênfase nas disciplinas de História, Arte e Literatura e, retomando a questão-problema da pesquisa – qual importância da Arte/Educação na educação antirracista? – observou-se com o estudo que a Arte/Educação desempenha um papel fundamental na promoção da educação antirracista, pois oferece uma abordagem reflexiva de combate ao racismo por meio da promoção da diversidade, da inclusão da proposta de respeito e de igualdade entre as pessoas tanto nas instituições educacionais como na sociedade como um todo.

Há várias maneiras pelas quais a Arte/Educação pode ser importante na educação antirracista, como por exemplo: abrindo espaço para a representatividade e visibilidade

das artes negras, que historicamente foram negligenciadas ou estereotipadas nos currículos convencionais; desconstruindo estereótipos raciais ao permitir que estudantes se envolvam com obras de arte que desafiam lógicas preconceituosas; gerando empatia e conexão emocional, já que as expressões artísticas da música, dança, teatro e artes visuais, podem evocar emoções profundas e conectar as pessoas de maneira significativa.

Nessa perspectiva o trabalho pesquisou sobre as legislações que contemplam a obrigatoriedade do ensino-aprendizagem da cultura e da história afro-brasileira, africana e indígena afim de reforçar a importância dessa discussão entre os profissionais da Educação e ressaltar a necessidade da formação docente atualizada para os professores da educação básica, sejam da rede privada e/ou pública.

Visto a urgência desses diálogos perante o crescente número de violências e racismos presenciados pelas mídias, essa discussão precisa seguir adiante com novos estudos e adentrando nos ambientes escolares, sejam nas práticas pedagógicas e /ou nas formações docentes, pois a construção de uma Educação Antirracista é dever de todos/todas que atuam nesses espaços.

Refletindo sobre as ações afirmativas no combate ao racismo, foi possível verificar através dos estudos realizados que as práticas pedagógicas e o currículo fomentam uma prática antirracista, para tal faz se necessário o envolvimento de toda comunidade escolar (discentes, docentes, gestão) considerando a identidade, memória e cultura negras em uma perspectiva de práxis, combatendo assim o eurocentrismo tão enraizado em nossa sociedade.

As práticas pedagógicas devem ser construídas de forma colaborativa, continuada e crítica, o que faz com que o trabalho educativo siga de forma consistente, não apenas sendo tratado quando necessário, mas sim a fim de manter uma cultura escolar comprometida com a transformação do pensamento educacional.

6. REFERÊNCIAS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Prefácio à edição brasileira**. In: Haider, Asad. Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje. Tradução de Leo Vinícius Liberato. – São Paulo: Veneta, 2019, p. 7-15.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade / Carla Akotirene**. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

BARBOSA, Ana Mae (org) **Arte/Educação: leitura no subsolo**. 9ª edição, São Paulo: Cortez, 2013.

BIESDORF, Rosane Kloh. **A arte nos contextos histórico-filosófico e do ensino no Brasil**: uma abordagem a partir de aspectos teóricos e das distintas visões da comunidade escolar. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2641> . Acesso em: 02/12/2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 16/01/22

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 03/02/22

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf . Acesso em: 11/02/22

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 6 out. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 maio 2023.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Caderno n.78.

Editora Chão da Feira, p.1-16, Junho. 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf>.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Tá vendo aquele edifício, moço?: lugares de memória, produção da invisibilidade e processos educativos na cidade de Sorocaba.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8969>

COSTA, Ana Carolina B.; WUNDER, Alik. **Encontros com-fabulatórios: criações imagéticas em ventos indígenas e afro-brasileiros.** ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 22, n. 4, p. 990–1009, 2020. DOI: 10.20396/etd.v22i4.8655544. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8655544>. Acesso em: 7 ago. 2023.

FERREIRA, Aparecida Jesus. **Histórias de Professores de Línguas e Experiências com Racismo: uma reflexão para a formação de professores.** Revista Espéculo, v.43, Novembro2009 Fevereiro 2010, p.Online. 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. In Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília. 236 p. (Coleção Educação para todos). 2005.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** *Cadernos PENESB 5*, Niterói: Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira/UFF, p. 15-34, 2000.

NÓVOA, António. **Os professores e as histórias da sua vida.** In: _____ (Org.) Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1992, p.11-30.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: Lander, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142. (Colección Sur Sur). Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 21 nov 2022.

SILVA, Lucas Bento da. **A dinâmica da construção da identidade e do território no Quilombo Cafundó (Salto de Pirapora - SP).** São Paulo, 2016. 139 p. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/144257>

SILVA, A. C. de M. da .; SILVA, B. A. da . Educação, artes e os saberes ancestrais no combate ao racismo: afetos, memórias e resistências. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 1938–1963, 2021. DOI: 10.20396/rfe.v13i1.8664181. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8664181>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SILVA, C. M.; SANTIAGO, M. E. Itinerário da prática pedagógica de valorização da população negra no espaço escolar. Revista Brasileira de Educação, v. 24, p. e240003, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Fc5RwKDxLmRYCTKtxhLcpxd/?lang=pt#>. Acesso em: 12/02/2023

DOCUMENTO DE ACESSO EXCLUSIVO EM MEIO ELETRÔNICO/REDES
SOCIAIS

PODCAST 30: Qual a cor do lápis cor de pele? Entrevistada: Waldete Tristão. 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FKgmIIJV5Zw>. Acesso em 22/01/2023.